

A diva dos cabarés

MÚSICA A cantora alemã Ute Lemper fala de política, das novas formas de disseminar música e de Paulo Coelho, de quem adaptou livro e fez canções

POR JOTABÊ MEDEIROS

A cantora alemã Ute Lemper, de 52 anos, tem-se esmerado em dar forma à tradição sombria e subversiva das canções de cabaré de Brecht e Weill, além de ser notável intérprete dos êxitos de Marlene Dietrich, Jacques Brel, Edith Piaf e poemas de Neruda e Bukowski. Há décadas radicada em Nova York, ela gerencia uma família grande (dois filhos do atual casamento, com o percussionista Todd Turkisher, e dois de casamentos anteriores, além de um *poodle* chamado Zacky), que ocupa dois apartamentos na Rua 76 Oeste, em Nova York. Da sua cobertura observa os edifícios Chrysler e Empire State. Joga torneios de pingue-pongue e faz churrascos com os vizinhos.

Por essa rotina, é possível dizer que a alemã Ute Lemper é a cidadã americana de classe média clássica, mas ela é também dona de opiniões políticas fortes, militante antitotalitarismos e uma ocupada chefe de turnês, que corre o mundo fazendo shows desde os 20 anos. “Ninguém em Nova York gosta de Trump. Nós, nova-iorquinos, ficamos constrangidos e indignados com esse presidente e seu corrupto e vergonhoso jeito de fazer negócios e promover o nacionalismo, a intolerância, o racismo e o vergonhoso capitalismo”, diz a cantora, em entrevista a *CartaCapital*. “A equipe dele é tão corrupta quanto a extrema-direita pode ser. Sua

política faz o mundo regredir e compromete a união do mundo. Temos esperanças de que ele não vai conseguir, com sua estupidez e temperamento, cometer erros irreversíveis que sabotarão a estabilidade no mundo”, diz.

Em contraponto, por causa da radicalização da era Trump, ela até já se aproximou mais das políticas internacionais da Alemanha, seu país natal. “Angela Merkel tem mostrado, através dos anos, que entende mais esse complicado e desequilibrado mundo. Suas políticas externas e a maior parte de suas políticas em relação a guerras civis, guerras religiosas e crise de refugiados são simpáticas e exemplares.”

Ute retorna ao Brasil para um show no litoral de São Paulo, no Festival Vermelhos – Música e Artes Cênicas, na Baía dos Vermelhos, em Ilhabela. O espetáculo que apresenta dia 5 de agosto, às 20 horas, é o show *Songs from the Heart*, no qual canta *Song of Mendeleev* e *Saga of Jenny* (Kurt Weill), *Lili Marleen* (Norbert

Em agosto, Ute fará apresentação única no litoral paulista

Schultze), *Cabaret* (John Kander e Fred Ebb), *All That Jazz* (Fritz Kander), *Moondance* (Van Morrison), *Yo Soy María* e *Oblivion* (Astor Piazzolla), *Amsterdam*, *Ne Me Quitte Pas* e *Je Ne Sais Pas* (Jacques Brel) e *Avec le Temps* (Leo Ferre).

Por lá também se apresentam o pianista Egberto Gismonti, Antonio Meneses, André Mehmari, Leo Gandelman, a Orquestra Jovem do Estado com a regência de Claudio Cruz e as solistas Camila Titinger e Luciana Bueno.

Para o público (pode ser felizmente ou infelizmente, depende da opinião), Ute Lemper não traz o repertório do disco mais recente, *9 Secrets*, lançado no ano passado e que é todo estruturado, liricamente, em cima do livro *Manuscrito Encontrado em Accra* (2012), do escritor brasileiro Paulo Coelho.

Ute conta que estava na Austrália em uma angustiada turnê, em 2013. Passava por momentos pessoais delicados. Foi quando entrou em uma livraria e comprou o livro de Paulo Coelho. “Me agradou essa pequena bíblia sem a religião como um guia cotidiano, e cujos manuscritos falam de amor, amizade, solidão, perda, raiva, traição, beleza etc.”, ela relembrou.

Um mês depois, Ute veio a São Paulo para apresentar o concerto para o qual musicou poemas de Pablo Neruda e acabou conseguindo um contato de Paulo Coelho. No dia seguinte, recebeu um e-mail do escritor. “Ute, amo sua música!”

“A cama, o quarto e o seu corpo exalavam o intenso perfume de sal que o mar usa há milênios, essa poética densidade dos ares a que chama maresia”

ONDJAKI
(Em *O Assobiador*, Pallas)

Ute Lemper, que mora em Nova York, não poupa o presidente Trump: “Sua política faz o mundo regredir”



Foi à casa do autor na Suíça, e a história começou. “Ele me deu carta branca”, conta. “Escolhi as pérolas mais bonitas de seu texto e as coloquei em melodias e formas poéticas para ficarem adequadas ao formato de canções. Ele aprovou cada passo do projeto, apoiou e foi muito encorajador. Sou grata por sua confiança.”

O disco funciona à revelia do estilo do autor e se desenvolve de maneira delicada, com canções puxadas para a bossa nova, como *Beauty*. Ute não é absolutamente estranha à bossa: ela sempre se sentiu próxima da música brasileira de uma maneira geral, com fervor espontâneo pelo trabalho de Ivan Lins, Rosa Passos, Elis Regina, Tom Jobim, Astrud Gilberto e outros, segundo enumera.

Discos conceituais são raros hoje em dia, em uma era em que as músicas surgem instantaneamente e os êxitos e os fracassos são determinados por ondas na internet. “As pessoas reagem rápida e superficialmente à música hoje. Usam como entretenimento momentâneo e depois jogam fora”, considera Uter. “A música comercial é projetada para esse trajeto. Mas há ainda música maravilhosa e grandes artistas trabalhando, é claro. O álbum conceitual é uma aparição mais rara. Tive de produzir eu mesma, porque nenhuma gravadora se interessou em apoiar essa ideia.”

Madonna, Bill Clinton, Julia Robertse Will Smith são fãs de Paulo Coelho. Até aí, tudo OK, normal, são personagens afins. Mas Ute Lemper, refinada cantora de universos sensoriais, se interessar pelo mundo de sabedoria expressa de Paulo Coelho causou alguma espécie. Não que ele não consiga engajar gente de *background* muito diferente. Por exemplo, o artista de *rap* Lando Chill, de Chicago, produziu todo seu álbum mais recente, *The Boy Who Spoke to the Wind*, baseado no livro *O Alquimista* (1988), de Coelho.

“Sim, todos nós encontramos sabedoria e iluminação em coisas que escolhemos ler. Alguns de nós acham nas Escrituras, outros nos trabalhos de Paulo Coelho”, ironizou o jornalista e escritor Adam Langer, em crítica demolidora que escreveu no *Boston Globe* acerca de *Manuscrito Encontrado em Accra*. “O culto da celebridade é uma parte crucial da Coelho Incorporated. Mas não é o único ingrediente em sua empresa de fabricar mitos”, escreveu Victoria Beale, no *New Republic*, sobre os livros do autor.

Alheia às críticas, Ute chama obra de Paulo Coelho de “jornadas de sabedoria”

É um curioso paradoxo: a crítica segue combatendo Paulo Coelho em todas as frentes, mas artistas de estofa como Ute Lemper continuam fazendo sua defesa e sua transmutação em artesanato *gourmet*. Ela chama sua obra de “jornadas de sabedoria”. E diz que não tem essa coisa de preconceito contra a cultura mais popular: o primeiro disco que comprou, em 1975, foi *Close to You*, dos Carpenters. E conta que canta Al Jarreau e hits de rádio enquanto está no chuveiro, e não sons de Debussy ou Ravel. •

SOCIEDADE ANTIALTERNATIVA

POR PEDRO ALEXANDRE SANCHES



Raul Seixas e Paulo Coelho formaram uma dupla inspirada e inspiradora

multimilionário autor de *O Alquimista* (1988).

É pena que você pense que eu sou escravo/ dizendo que eu sou seu marido e não posso partir, argumentava um aprendiz de mago da contracultura em *Medo da Chuva* (1974), que usava a chuva como metáfora para amor livre, poligamia e liberdade sexual. *Se eu te amo e tu me amas/ e outro vem quando tu chamas/ como poderei te condenar?*, perguntava na mesma clave a feminista *A Maçã* (1975), que concluía que *amor só dura em liberdade/ o ciúme é só vaidade/ sofro, mas eu vou te libertar*. A obra musical de Paulo com Raul é um manancial de manifestações de rebeldia, desobediência, subversão (*tem gente estranha trabalhando no fundo*, avisa *Peixuxa*, o *Amiguinho dos Peixes*, de 1975) solidariedade (*Ave Maria da Rua*, de 1976, para as prostitutas do

asfalto), coragem (*Canto para Minha Morte*, 1976, *Conserve Seu Medo*, 1978). O trecho *todo jornal que eu leio/ me diz que a gente já era/ que já não é mais primavera/ oh baby/ a gente ainda nem começou*, de *Cachorro Urubu*, poderia ser lido como um manual de sobrevivência para 2017.

Ao guinar de mago para *Alquimista*, nos últimos dias de vida de Raul (com quem não compunha mais desde 1978), Coelho divorciou-se da condição de letrista de música pop. Provavelmente sem saber, Ute Lemper belisca a fera ao tirar o compositor do armário, ainda que de modo indireto, musicando trechos edificantes e bem pouco contraculturais do livro *Manuscrito Encontrado em Accra* (2012). Seduzida pelo bruxo assentado nos próprios louros, a intérprete passa longe da ferocidade contida em versos como *não pare na pista/ é muito cedo pra você se acostumar/ amor, não desista/ se você para, o carro pode te pegar* (de *Não Pare na Pista*, 1974). Por falta de medo da chuva, ela pode ter tocado em algo ocultado com zelo pela fera adormecida.

Alemã Ute Lemper não existia artisticamente, em 1973, quando o baiano Raul Seixas (1945-1989) cantava, em *Rockixe*, um refrão que avisava que *o que eu quero/ eu vou conseguir/ pois quando eu quero todos querem, quando eu quero todo mundo pede mais/ e pede bis*. Se nem Raul era então um artista consolidado, menos ainda era o letrista de *Rockixe* (e então

divulgador de artistas da gravadora Philips), Paulo Coelho. No salto dessa primeira personalidade para o futuro escritor de *best sellers* transcontinentais, Coelho guardou dentro do armário a carreira de letrista de música e as históricas parcerias com Raul, que ajudaram a modular não só o rock brasileiro como uma revolução comportamental de grandes proporções na primeira pátria do mais tarde